

Ecofeminismo (S)

Manuela Tavares
Investigadora em Estudos Feministas
CIEG, ISCSP.
Membro da direcção da uMAR

Legado ou não de uma filha ecologista social, que apesar de tecer duras críticas aos interesses económicos que destruíam a Natureza, não deixava de acreditar que o ser humano devia agir socialmente sobre o biológico, há muito que sentia necessidade de estudar o Ecofeminismo e de escrever algo sobre esta corrente feminista, muitas vezes associada a modelos de subsistência e de ligação material e espiritual das mulheres à “terra-mãe”.

Um pouco de história

A feminista francesa Françoise d’Eaubonne estabelecia, em 1974, a primeira relação entre ecologia e libertação das mulheres ao afirmar que estas tinham de ter o poder de controlar a sua fertilidade para que, deste modo, se pudesse salvar o planeta da sobrepopulação. Ao utilizar pela primeira vez a palavra ecofeminismo Françoise d’Eaubonne identificava um movimento político pela defesa do ambiente e do feminismo, associando a opressão das mulheres à opressão da natureza.

Na década de 1970 muitas mulheres tinham-se colocado à frente de lutas contra os resíduos tóxicos¹, contra centrais nucleares² e bases militares³. O ecofeminismo tornou-se mais conhecido no contexto destes movimentos. A 1ª Conferência Ecofeminista “Mulheres e vida na terra” foi realizada em Março de 1980 em Amherst nos EUA, onde foi afirmado por uma das organizadoras - Ynestra King - que a devastação da Terra e dos seres vivos pelas grandes empresas e pelas ameaças nucleares das potências militares era um problema feminista. Tratava-se de identificar estas ameaças com a mentalidade masculina que também queria negar às mulheres o seu direito ao corpo e à sexualidade. Estabelecia-se, desta forma, uma relação entre a violência patriarcal contra as mulheres e a Natureza.

Em 1987, no congresso “Mulheres e Ecologia” realizado em Colónia, na Alemanha, Angeline Birk e Irene Stoehr falaram da contradição entre a lógica da emancipação surgida no século das Luzes com a sua grande valorização da Ciência e da Tecnologia e

¹ Nos Estados Unidos as mulheres de Love Canal, Homeowner.s Association em Niagara Falls, New York, tiveram um papel decisivo no tratamento de resíduos tóxicos de uma indústria química das imediações. Na Suécia, as feministas prepararam compota com amoras tratadas com herbicidas e ofereceram-nas a membros do parlamento, que as recusaram.

² Na Alemanha, mulheres camponesas, em especial da região de Whyll, uniram-se contra a central nuclear que afectava as suas culturas, levando ao seu encerramento, e estabeleceram uma rede de protestos com grupos em situações idênticas em França e na Suíça

³ No Reino Unido, grupos de mulheres rodearam a base militar de Greenham Common.

os resultados dessa evolução – a destruição ecológica. Deste modo, o conceito de emancipação representaria o domínio sobre as mulheres e a natureza.

Em 1992, Carolyn Merchant no livro *Radical Ecology: The Search for a Liveable World*⁴ considera que a corrente feminista que mais se liga ao ecofeminismo é a do feminismo cultural e elabora uma associação histórica e cultural entre as mulheres e a natureza, considerando que elas podem libertar-se a elas próprias e à natureza através do ativismo ambiental. Associa ainda a biologia das mulheres e a natureza como fontes de poder para resistir à “tecnologia masculina”.

Estavam lançadas as bases para a contestação do ecofeminismo pelo seu essencialismo por parte de outras correntes feministas.

A contestação ao Ecofeminismo

Há milénios, Aristóteles definiu que as mulheres eram menos aptas para pensar, pois a racionalidade pertencia aos homens. Por isso, as mulheres eram seres incompletos e inferiores. Este caldo cultural atravessou séculos de história e na visão oficial do Cristianismo, Eva nasceu de uma costela de Adão e foi fonte de pecado.

A dicotomia cultura/natureza, determinava para as mulheres papéis sociais ligados à reprodução e sujeitava-as a um determinismo biológico que marcou a sua vida durante séculos. As feministas das décadas de 1960/1970 entraram em ruptura com este determinismo e com as “gaiolas douradas” das casas para as quais as mulheres foram atiradas no pós-guerra, questão esta analisada por Betty Friedan no seu livro *A Mística da Mulher* em 1963.

A identificação das mulheres com a natureza e como suas guardiãs surgiu como uma mensagem positiva por parte das ecofeministas, pois as mulheres não tinham as “mãos sujas” dos processos de industrialização que em nome do desenvolvimento destruíam o ambiente. As ações das mulheres indianas abraçadas a árvores, defendendo-as das empresas de exploração florestal que dizimavam enormes áreas são bem conhecidas, criando-se um movimento próprio que se espalhou por outras regiões do mundo – o movimento Chipko. Estas ações reforçaram ainda mais a mística ligação das mulheres à terra e à natureza.

As características essencialistas do ecofeminismo colocavam de sobreaviso outras correntes feministas, perante as “odes” ao aleitamento, ao parto em casa, a uma agricultura de subsistência que amarrava as mulheres a pequenas comunidades onde cuidavam dos filhos numa educação ecológica e com uma alimentação baseada em produtos biológicos.

De facto, o ecofeminismo parecia ressuscitar algo que tinha sido combatido durante décadas pelas feministas: “a natureza feminina” e os estereótipos patriarcais que estavam por detrás da separação das esferas doméstica e pública. A luta pelos direitos políticos, cívicos, sociais ficava assim secundarizada por projetos pessoais de vida e de

⁴ Merchant, Carolyn (1992), *Radical Ecology: The Search for a Liveable World*, New York, London, Routledge.

mistificação das mulheres como seres puros com uma ligação privilegiada à natureza, destinadas às tarefas do cuidado, tal como defendia a psicóloga Carol Gilligan que, em 1982, afirmava que o desenvolvimento moral específico das mulheres fazia delas portadoras de uma “ética do cuidado”.⁵

As correntes liberal, radical e marxista tinham dificuldades em conviver com estas ideias. A corrente liberal, porque assente nos percursos individuais das mulheres por carreiras profissionais e pelo acesso à política e ao desenvolvimento tecnológico, não aceitava ideias que pusessem em causa este tipo de percurso emancipatório para as mulheres. A corrente radical considerava uma capitulação à libertação das mulheres o seu regresso à mística da mulher-mãe e ao determinismo biológico que tinha guiado as suas vidas. A corrente marxista na sua componente ortodoxa não tinha em consideração os movimentos ecologistas, subalternizando-os às contradições de classe. As feministas socialistas/marxistas ao darem importância ao trabalho das mulheres fora de casa não deixavam de analisar as condições precárias desse trabalho e a sobrecarga das mulheres com duplas e triplas tarefas.

Contudo, houve feministas radicais e marxistas a participarem nas primeiras lutas das ecofeministas contra centrais nucleares e bases militares. Faziam-no numa perspectiva de luta política e social não muito longe das ideias que moveram as primeiras ecofeministas que ainda não tinham evoluído na teorização do ecofeminismo.

É importante analisar que no Ecofeminismo existem várias ideias e práticas que se podem consubstanciar em várias correntes.

ECOFEMINISMOS: Cultural/ Espiritual, Social/ Construtivista e Crítico

Ecofeminismo cultural/espiritual

As ecofeministas culturais e espirituais consideram a espiritualidade das mulheres próxima da espiritualidade presente na Terra. Celebram a energia que emana das mulheres por serem portadoras de vida e de uma espiritualidade sensual que não separa a matéria do espírito. Os saberes ancestrais que fizeram delas curandeiras e “feiticeiras” são valorizados em função de uma relação actual com a natureza, de quotidianos vividos em pequenas comunidades com um carácter transformador das relações sociais. Para estas ecofeministas é esta a sua esfera política de intervenção e coconsideram-na mais eficaz do que entrar no jogo dos homens pelo poder político. A autora Rosemary Radford Ruether⁶ considera que o ecofeminismo representa a união entre o movimento ecologista radical (“Deep Ecology”) com o feminismo. Apresentando uma vasta obra integrando a vertente espiritual ecologista, com a teologia e o feminismo, esta autora afirma que o florescimento da vida humana e não humana na Terra, tem um valor por si só, independente dos recursos que possam representar e que um ecofeminismo ético e cultural tem de quebrar com o dualismo entre a inteligência humana e a natureza, procurando a harmonização entre as nossas necessidades e manutenção dos

⁵ Gilligan, Carol (1982), *In a different Voice*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.

⁶ Ruether Rosemary (2005), *Integrating Ecofeminism, Globalization, and World Religions*, Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.

ecossistemas. As concepções racistas, sexistas, classistas e antropocêntricas de superioridade dos brancos, sobre os negros, dos homens sobre as mulheres, dos empresários sobre os trabalhadores, dos humanos sobre os animais e plantas devem ser eliminadas na criação de um novo modelo social em que as mulheres podem ter um papel fundamental. Conceitos básicos como Deus, alma/corpo e “salvação” devem ser reconceptualizados de modo a ficarem mais ligados a valores éticos de amor, justiça e cuidados com o planeta.

A utilização da proximidade dos ciclos da natureza ao das mulheres associados à maternidade é bastante comum nesta corrente, assim como posições anti-ciência e anti-tecnologia. A proximidade original à terra e uma ligação profunda entre seres humanos e natureza (Gaard, 1993:295), leva a que estas ecofeministas sejam apelidadas de essencialistas. Uma obra pioneira do ecofeminismo essencialista é a de Mary Daly, “Gyn/Ecology” que defende que ao longo da história os homens demonstraram uma essência agressiva, criaram uma civilização dominadora das mulheres e destrutiva da Natureza. Autoras como Val Plumwood (Plumwood, 1993:9), contestam as antigas e as modernas versões de essencialismo e a ligação entre mulheres e Natureza, dado que existem muitas mulheres que não se incluem neste círculo de maternidade, de cuidado e de percepção da espiritualidade da terra.

Esta corrente ecofeminista surgiu com mais força nos Estados Unidos do que na Europa. Na Alemanha, a partir dos finais dos anos oitenta do século XX, esta tendência foi muito criticada como uma evasão da esfera política, como refúgio num mundo divorciado da realidade e de abandono do poder às mãos dos homens.

Ecofeminismo Social/ Construtivista

Uma outra corrente é a das ecofeministas sociais e construtivistas. Trata-se de uma corrente desenvolvida a partir da década de 1990. Considera que não há uma essência feminina que liga as mulheres à Natureza, mas foram as estruturas sociais e económicas que determinaram a divisão sexual do trabalho e aproximaram as mulheres da Natureza, desenvolvendo nas mulheres relações afectivas e sentimentos que foram reprimidos nos homens. A filósofa australiana Val Plumwood é uma das teóricas mais importantes desta corrente.⁷

Neste ecofeminismo social também se incluem autoras como Maria Mies e Vandana Shiva (1993).

“Como feministas que lutamos contra a dominação patriarcal das mulheres, não podemos ignorar que os processos de «modernização», de «desenvolvimento» e de «progresso» são responsáveis pela degradação do mundo natural. O impacto dos desastres ecológicos atingem mais duramente as mulheres e estas são as primeiras a protestar contra a destruição do ambiente. (...) O nosso objectivo é sair de uma perspectiva estreita, experimentar a nossa diversidade, exprimir diferentes vozes nas críticas às desigualdades inerentes às estruturas mundiais que permitem ao Norte dominar o Sul, aos homens dominar as mulheres e de pilhar freneticamente

⁷ Plumwood, Val (1994), "The Ecopolitics Debate and the Politics of Nature" in Karen J. Warren (ed.), *Ecological Feminism*, London, New York: Routledge.

todos os dias mais recursos para ganhos económicos distribuídos desigualmente”.⁸

Segundo estas ecofeministas, certas mulheres dos países desenvolvidos, em especial da classe média, têm dificuldades em entender os pontos comuns entre a sua libertação e a da natureza, entre elas próprias e as mulheres de outras regiões do mundo. Isto deve-se ao pensamento patriarcal capitalista onde a civilização moderna é fundada numa dicotomia estrutural. Assim, a natureza está subordinada aos seres humanos, as mulheres aos homens, o consumo à produção e o local ao global. Consideram que as ecofeministas têm vindo a contestar esta dicotomia, em especial a divisão estrutural entre seres humanos e natureza como análoga à dos homens e das mulheres.

Para Maria Mies e Vandana Shiva, as mulheres dos países do “terceiro mundo” que lutam pela subsistência não sentem um divórcio entre o que é espiritual e material. “Elas respeitam e celebram o carácter sagrado da terra e opõem-se à sua transformação em matéria prima morta pela industrialização e produção de mercadorias. Elas defendem a diversidade e os limites da natureza que não podem ser violados, para que elas possam sobreviver”.⁹ Para estas autoras o ecofeminismo emana das necessidades fundamentais da vida. Em sociedades agrícolas onde a subsistência depende da recolha directa da natureza de bens essenciais, a substituição de uma agricultura tradicional por uma agricultura industrial leva a que as mulheres e crianças percorram distâncias cada vez maiores na procura destes bens. Os processos de desenvolvimento exportados pelo mundo ocidental não representam mais do que uma segunda vaga de neocolonialismo. “As estratégias de desenvolvimento têm sido baseadas na premissa de que o mundo ocidental - EUA, Europa e Japão- atingiu um pico de bem-estar baseado na aplicação da tecnologia, industrialização e acumulação de capital, que se traduz em estilos de vida citadinos”.¹⁰ (Mies e Shiva, 1993:55). Deste modo, o resultado dos programas de desenvolvimento nos países ditos de Terceiro Mundo tem tido como consequência o empobrecimento das populações, em especial das mulheres, pois é a estas que cabem as tarefas domésticas e de subsistência básica.

Nos países desenvolvidos as mulheres encontram-se subjugadas a práticas consumistas e por isso as ecofeministas desta corrente pensam que é preciso consciencializar para uma qualidade de vida sem consumismo e para uma atitude mais consciente na compra dos produtos, tendo em consideração a sua origem em relação a práticas de exploração que atentam contra os direitos humanos.

Capitalismo, patriarcado e destruição do planeta surgem ligados. Não se trata apenas, como defendem alguns sectores de ecologistas “liberais”, de se criticar um crescimento demasiado rápido, não acompanhado por um desenvolvimento social, nem de uma legislação pouco eficaz no controlo dos processos resultantes da produção com utilização de tecnologias nocivas para a saúde humana e ambiental. Para estas ecofeministas o problema é mais profundo e coloca-se ao nível das estruturas das sociedades, na forma como estão organizadas em função da subjugação das mulheres e da natureza.

Maria Mies (1993), como investigadora feminista critica o paradigma dominante nas ciências sociais que não só torna as mulheres invisíveis como está impregnado de

⁸ MIES, Maria, SHIVA, Vandana (1993), *Ecofeminisme*, edition française (1998), L’Harmattan, Paris, pp.14-15.

⁹ Ibidem, p.33.

¹⁰ Ibidem, p.55.

androcentrismo. Daí ter-se desenvolvido dentro da academia uma reflexão crítica feminista que se liga ao ecofeminismo por este também propor a interdisciplinaridade com a política, a ecologia, a ética ou a educação. Além disso, o ecofeminismo defende que não é apenas sobre as mulheres que existe uma relação de domínio, mas sobre todos os tipos de dominação, sejam eles de raça, de classe, de género, de idade, ou relativos à natureza (Warren, 1994).¹¹

Ecofeminismo Crítico

Alicia Puleo (Buenos Aires, 1952)¹² afirma que ser ecofeminista não implica afirmar que as mulheres estão mais ligadas à Natureza do que os homens. Defende um ecofeminismo crítico, orientado para a ecojustiça e a sustentabilidade baseado nos seguintes princípios: defesa dos princípios de igualdade e autonomia; perspectiva construtivista sobre os sexos masculino e feminino; diálogo intercultural; aceitação prudente da ciência e da técnica; universalização das responsabilizações do cuidado aplicada a todos os seres humanos e ao resto da natureza. Segundo esta autora “O ecofeminismo constitui uma das correntes do feminismo que assume a problemática ecológica como algo que pode ser abordado com as questões de género, trazendo novas compreensões às relações humanas com a Natureza”.¹³

Para Alicia Puleo existem muitas posições sobre o ecofeminismo, quase tantas quantas as suas teóricas. Contudo, esquematizando, podem ser consideradas duas grandes correntes: uma clássica, de características mais essencialistas e espiritualistas que considera que as mulheres estão mais ligadas à natureza não só por razões biológicas como ontológicas; outra corrente de cariz construtivista que enfatiza as condições históricas e económicas. Vandana Shiva, considerada neste texto por uma ecofeminista construtivista é vista por Alicia Puento como uma grande líder ecologista e altermundista, mas que reflecte na sua obra um “ecofeminino” ao defender que as mulheres são mais protectoras da vida, mais defensoras da paz. Esta simbologia pode ser mobilizadora das mulheres, mas reprodutora de estereótipos de género.

A corrente sobre a qual tem vindo a reflectir o “ecofeminismo crítico” não nega as conquistas da modernidade para o feminismo, mas orienta-se para uma posição de ecojustiça e sustentabilidade, considerando que esta deve ter em consideração a cidadania, as mulheres, as crianças e homens dos países do Sul e a responsabilidade com as gerações futuras em ligação activa com todos os seres vivos com os quais compartilhamos o planeta.

O conceito de “ecojustiça” baseia-se na ideia de que preservar a natureza é fazer justiça social para com as pessoas mais pobres e para com as mulheres. Na América Latina existem redes de mulheres que se preocupam com a educação ambiental, pois consideram que elas e as crianças são as mais afectadas na sua saúde por contaminações, resíduos tóxicos e uso de pesticidas.

¹¹ Warren, Karen (ed.) (1994), *Ecological Feminism*, London; New York: Routledge, p.1

¹² Doutorada em Filosofia e directora da cátedra de Estudos de Género na Universidade de Valladolid.

¹³ Puleo, Alicia (2005), "Feminismo y Ecología", Retrieved Maio.2006 em http://www.mujiresenred.net/article.php3?id_article=226. 2005.

Para Alicia Puleo o Ecofeminismo é a resposta do feminismo a um problema novo que se coloca à humanidade – enfrentar a sua própria força destrutiva. As mulheres com sensibilidade ecologista, em especial jovens, estarão no futuro nesta corrente. O ecofeminismo poderá ser um desafio para obter não só a igualdade mas um modelo social que não seja destruidor da base material da humanidade que é a Natureza.¹⁴

Para esta investigadora, “o feminismo sempre soube dialogar com os movimentos emancipatórios de cada época. O inverso nem sempre aconteceu. Creio que no século XXI no enfrentamento da crise ecológica é conveniente que o feminismo esteja presente”.¹⁵

Bibliografia

Assis, Ana Cristina (2003), *Reconhecer-se além fronteiras: ecofeminismo e o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Afrontamento.

D'Eaubonne, Françoise (1999), "What Could an Ecofeminist Society Be", in *Ethics and the Environment*, Vol. 4, 2. pp. 179-184.

Devaki, Jain (2005), *Women, Development, and the UN: a Sixty-Year Quest for Equality and Justice*, Bloomington: Indiana University Press.

Gaard, Greta Claire e Patrick D. Murphy (ed.) (1998), *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy*, Urbana: University of Illinois Press.

Merchant, Carolyn (1997), "Women and Ecology" in Sandra Kemp e Judith Squires (eds.), *Feminisms*, New York: Oxford University Press. pp. 472:473.

Merchant, Carolyn, Rosiska Darcy de Oliveira, et al. (1992), *Terra Femina*, [Brazil] IDAC: Rede de Defesa da Espécie Humana. 108.pp.

Murphy, Patrick D. (1995), *Literature, Nature, and Other: Ecofeminist Critiques*, Albany State University of New York Press.

Plumwood, Val (1994), "The Ecopolitics Debate and the Politics of Nature" in Karen J. Warren (ed.), *Ecological Feminism*, London, New York: Routledge.

---- (2002), *Environmental Culture*, Florence, KY, USA: Routledge.

---- (1993), *Feminism and the Mastery of Nature*, London; New York: Routledge

Puleo, Alicia (2005), "Feminismo y Ecologia", Retrieved Maio.2006 em http://www.mujiresenred.net/article.php3?id_article=226.

Puleo, Alicia (2011), *Ecofeminismo para otro mundo posible*, Madrid: Cátedra, Colección Feminismos.

¹⁴ "Mujeres al natural. 30 Diálogos sin aditivos, ni conservantes". Juan Carlos Ruiz. Mandala Ediciones. 2004

¹⁵ <http://www.lavanguardia.com/medio-ambiente/20121219/54358097787/enrtevista-alicia-puleo-ecofeminismo.html#ixzz2rRORVUsW>

Ruether, Rosemary Radford (2004), "Ecofeminism: Symbolic and Social Connections of the Oppression of Women and the Domination of Nature" in Roger S. Gottlieb (ed.), *This Sacred Earth*, New York: Routledge. pp. 388-399.

Shiva, Vandana e Mies, Maria (1998), *Ecoféminisme*, Paris, Editions L'Harmattan.

Warren, Karen (ed.) (1994), *Ecological Feminism*, London; New York: Routledge.

Warren, Karen (ed.) (1997), *Ecofeminism: Women, Culture, Nature*, Bloomington: Indiana University Press.

---- (ed.) (2000), *Ecofeminist Philosophy: a Western Perspective on What it is and Why it Matters*, Lanham: Rowman & Littlefield.